

# Oração semanal

(5ª-feira, Tempo Comum 12)

Serra do Pilar, 28 junho 2018

**P.** Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

**R. *Ámen!***

**P.** Estamos, Senhor, reunidos em teu nome; fica connosco (Lc 24,29).

**R. E desça sobre nós a tua bênção.**

**P.** Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito do Pai e do Filho!

**R. Glória ao Senhor, que nos dá o seu Espírito** (1Ts 4,8)!

## **Leitura do Evangelho de Mateus** (8,1-7.10-11)

Os discípulos perguntaram a Jesus: “Quem é o maior no reino dos céus?”.

Ele chamou um menino, colocou-o no meio deles e disse:

Em verdade vos digo: Se não voltardes a ser como as criancinhas, não podereis entrar no reino dos céus. Quem, portanto, se fizer humilde como este menino, será o maior no reino dos céus. Quem receber um menino como este, em meu nome, é a mim que recebe.

Mas se alguém escandalizar um destes pequeninos, melhor seria que lhe atassem uma mó de moinho ao pescoço e o lançassem nas profundezas do mar. Ai do mundo por causa dois escândalos! São inevitáveis, é certo, os escândalos! Mas ai daquele por quem vier o escândalo!

Livrai-vos de desprezar um só que seja destes pequeninos, pois que os seus anjos, no céu, digo-vos eu, veem constantemente a face de meu Pai que ali está [e podem, por isso, defendê-los]. Que vos parece? Se um homem tiver cem ovelhas e uma delas se tresmalhar, ele não é capaz de deixar as noventa e nove no monte e ir à procura da tresmalhada? E, se a encontrar, em verdade vos digo: alegra-se mais com ela que com as noventa e nove que se não tresmalharam. Assim também é da vontade do vosso Pai que está no céu que não se perca um só destes pequeninos.

## **Mudai o vosso coração!**

Quando Jesus falava do reino de Deus, fazia-o para provocar uma resposta. Deus estava a agir. Israel não podia continuar a ver esta nova situação como se nada tivesse acontecido. Essa resposta era necessária não para que chegasse ou se merecesse o seu reino. Deus oferecia o seu amor compassivo a todos sem olhar aos méritos de ninguém. A preocupação de Jesus era outra: como se haveria de responder ao Pai que já estava a agir? Que resposta se deveria dar, aqui e agora, a essa compaixão de Deus? Ele já vivia completamente transformado pelo reino de Deus, mas era também urgente que toda aquela gente escutasse o seu convite e lhe, chegasse ao coração.

Jesus confiava totalmente na força salvadora de Deus, mas pensava nos obstáculos e nas resistências com que se deparava a sua palavra. Nem todos estavam abertos a Deus. Fracassaria um dia o seu projeto? Jesus quis explicar como é que ele via as coisas através da parábola de um sementeiro:

"Escutai: o sementeiro saiu a semear. Enquanto semeava, uma parte da semente caiu a beira do caminho e vieram as aves e comeram-na. Outra caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra e logo brotou, por não ter profundidade de terra; mas, quando o sol se ergueu, foi queimada e, por não ter raiz, secou. Outra caiu entre espinhos, e os espinhos cresceram, sufocaram-na, e não deu fruto. Outra caiu em terra boa e, crescendo e vicejando, deu fruto e produziu a trinta, a sessenta e a cem por um".

Jesus falava de uma realidade que era bem conhecida na Galileia. No Outono, os camponeses saíam a semear as suas terras. Em junho, faziam as colheitas. Os que ouviam, sabiam bem o que era semear e o que era viver dependentes da futura colheita. Mas, que queria Jesus dizer com isso?

A história conta até ao último pormenor o que acontecia na sementeira. Uma parte da semente caía ao longo do caminho que bordejava o terreno. Não era terra boa e, por isso, a semente nem germinava. Vinham os pássaros e comiam-na imediatamente. Outra parte caía numa zona pedregosa, coberta ligeiramente por alguma terra. A semente chegava a dar um pequeno ar da sua graça, mas pouco mais do que isso. Como não tinha raiz, o sol secava-a. A sementeira tinha demorado mais a perder-se, mas também aqui o trabalho do sementeiro fora um fracasso. Outra parte caíra entre cardos. Segundo parece, poderia germinar e crescer, mas não chegou a dar fruto porque os cardos, crescendo com mais força, sufocaram-na.

Os ouvintes escutavam-no preocupados. Valeria a pena continuar a semear? Não poderia encontrar aquele sementeiro um terreno melhor? Mas, Jesus continuava o seu discurso. Apesar de tantos fracassos, a maior parte da semente tinha caído em boa terra. A planta crescia, desenvolvia-se e dava fruto, trinta, sessenta e até cem por um. Em determinados terrenos, a sementeira fora um fracasso; noutros tinha sido um êxito. Mas, apesar dos fracassos, no fim, o sementeiro podia dispor de uma boa colheita. As pessoas começavam a

"perceber". Jesus fazia como os agricultores. Ao fazerem a sementeira, todos sabiam que uma parte da semente se perderia, mas isso não desanimava ninguém. O importante era a colheita no fim. Com o reino de Deus acontecia uma coisa semelhante. Obstáculos e resistências não faltariam, mas a força de Deus produziria o seu fruto. Jesus estava a semear. Naquele momento, o que era preciso era corresponder.

Mas, qual era a resposta que Jesus exigia? Contra todas as expectativas, ele nunca convidava as pessoas a fazer penitência ou a fazer rituais e gestos tão do agrado dos profetas. Ninguém o ouviu falar de jejum, cinza ou vestes de luto. Não era isso o que esperava esse Deus tão ternurento que esperava a todos de braços abertos. O seu chamamento ultrapassava a penitencia convencional. Também não convidava a voltar de novo para a lei. Nem se dirigia somente aos pecadores, para que retomassem a observância e se juntassem àqueles que eram cumpridores. Era também ao justos que acenava. Para poderem "entrar" no reino de Deus, era forçoso que todos fizessem uma mudança, não em atitude penitencial, mas movidos pela alegria e pela surpresa do amor indescrevível de Deus.

Não se podia esperar. O reino de Deus estava mesmo a chegar. Era preciso "entrar" já na sua dinâmica. Ninguém podia ficar de fora. Jesus não fazia um convite à penitencia nacional de todo Israel, como o Baptista, e também não pensava num grupo especial. Era preciso que a Boa Notícia chegasse a todos. Todos estavam convidados a acreditar. No reino de Deus não se deparariam com um novo código de leis por que havia de reger a vida, mas com um horizonte novo que iria transformando o mundo segundo a vontade de Deus.

No reino de Deus só se poderia entrar com um "coração novo", com a disposição de obedecer a Deus desde as profundezas do ser. Era essa transformação radical que era decisiva. Deus queria reinar no mais íntimo das pessoas, nesse núcleo interior onde se tomam as decisões mais profundas no pensamento e na conduta. Na perspectiva de Jesus, o mundo nunca chegaria a ser humano se não se operasse no coração das pessoas uma reviravolta radical. Em parte alguma se construiria uma vida como era do agrado de Deus, se as pessoas não mudassem interiormente. "O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o que é bom; e o mau, do mau tesouro tira o que é mau". E Jesus ilustrava o seu discurso com umas imagens claras e penetrantes: "Não há árvore boa que dê mau fruto, nem árvore má que dê bom fruto (...). Não se colhem figos dos espinhos, nem uvas dos abrolhos". Jesus queria chegar ao coração das pessoas. O reino de Deus tinha que transformar toda a gente a partir da raiz. Só os homens e as mulheres de coração novo, fariam um mundo novo.

Jesus empregava uma linguagem original para se referir à atitude fundamental no acolhimento de Deus. A alguns adultos podia parecer-lhes um insulto. Jesus exigia-lhes que se "tornassem crianças". O que é que ele queria

dizer com isso? A "criança" era um arquétipo usado de maneiras diferentes nas diversas culturas: metáfora universal para falar da confiança nos pais, inocência, humildade, sinceridade e muitas outras coisas. Jesus, por seu lado, nunca idealizava as crianças. Conhecia bem aqueles meninos e meninas desnutridas que saltavam à volta dele e dos seus seguidores. Talvez até soubesse também que no Império havia meninos e, sobretudo, meninas, que, logo ao nascerem, eram abandonadas pelos pais, e recolhidas mais tarde das lixeiras para serem escravas. Tal não era o costume entre os judeus, mas, entre aquelas famílias pobres da Galileia, a criança não era só uma bênção de Deus. Era também mais uma boca para sustentar.

Na Galileia dos anos trinta, ser criança equivalia a não ser ninguém: uma criatura frágil e carente, dependente totalmente de seus pais. Era este provavelmente o ponto de partida da metáfora de Jesus. Por isso, dizia: "Deixai vir a mim os pequeninos e não os afasteis, porque o Reino de Deus pertence aos que são como eles". O reino de Deus era pertença deles, simplesmente por serem os mais fracos e os mais carenciados, como, de resto, acontecia com os mendigos, os famintos e todos os que sofriam. Por isso, Jesus, movido por esse Deus, acolhia-os, abençoava-os e estreitava-os nos seus braços. Jesus vivia e incarnava o reino de Deus no acolhimento dos últimos. Mas não se ficava por ali; ia mais longe: "Em verdade vos digo: quem não receber o Reino de Deus como um pequenino, não entrará nele". O caminho para entrar no reino de Deus era tomar-se criança. Deixar-se abraçar por Deus como aquelas crianças que se deixavam abraçar com alegria. Diante de Deus era preciso ser de uma maneira diferente de como eram ordinariamente os adultos, que quase sempre andavam à procura de poder, grandeza, honra ou riquezas. Aquela linguagem de Jesus a pedir aos adultos que fossem "como crianças" sugeria alguma coisa mais do que uma mera mudança de atitude. Jesus pedia-lhes um começo novo, o início de uma nova personalidade.

(José Antonio Pagola — *Jesus, uma abordagem histórica*, pp. 252-256)

### **Oremos (...)**

Dá, Senhor, aos Cristãos,  
à tua Descendência,  
uma consciência maior que o Mundo,  
para que saibam responder com Justiça e Amor  
aos gritos abafados, às dores surdas, à fome disfarçada  
e ao clamor dos pobres.

Por Jesus Cristo, teu Filho e nosso Irmão,  
na Unidade do Espírito Santo!

**Ámen!**